

armas e, mais que tudo, pelo pensamento: os gregos. Sua mitologia, conhecida principalmente através de dois poemas épicos — *Iliada* e *Odisséia* — compostos, ao que parece, no século VIII a.C., apresenta um imenso número de deuses, sendo Zeus a personificação do céu luminoso, com o poder de lançar raios, dissipar nuvens e fazer cair a chuva fecundante, o chefe. Apesar das histórias quase infantis de seus deuses (que brigavam entre si, tinham acessos de cólera e de ciúme, conquistavam e enganavam os mortais), a religião grega é um reflexo dos pensamentos bem maduros deste povo a respeito de organização política e social. E, como consequência de sua abertura intelectual, os criadores da base de toda filosofia, estética e ciência modernas ocidentais estavam sempre dispostos a aceitar idéias e divindades estrangeiras. Em Atenas havia um altar ao Deus Desconhecido, que foi aproveitado, no início da era cristã, para famosa pregação do apóstolo Paulo.

Básicamente, a família dos deuses gregos estava assim constituída: Zeus, todo-poderoso, filho de Cronos e de Réia, era casado com Hera, sua irmã. Destronou seu pai Cronos e partilhou o mundo com seus irmãos Hades, deus da morte, e Poseidon, deus do mar. Foi pai de numerosos deuses, entre eles Atena, deusa da sabedoria e da guerra, que pulou, já armada, de sua cabeça. Além de Hera, sua esposa-irmã, Zeus manteve união com outras deusas, com ninfas, e até algumas mortais. Para realizar suas conquistas amorosas, o pai dos deuses tomava formas diversas: foi cisne para Leda, touro para Europa, nuvem para Io, sátiro para Antiope, chuva de ouro para Danae; para dormir com Alcmena assumiu o aspecto de seu espôso, Anfítrion, que estava na guerra.

Ao mesmo tempo que adoravam tantos deuses, os gregos cultos mostravam que não os levavam tão a sério, considerando-os mais entidades simbólicas. Os amôres condenados não eram apenas entre os deuses e mortais, mas também entre deuses, como o de Afrodite, que enganou seu marido, o ferreiro He-

festos. com Ares, o deus da guerra. Os deuses alegres e sensuais iam sempre se multiplicando na Grécia, sendo quase todos herdados pelos romanos, que apenas lhes traduziam os nomes. Um desses típicos deuses é Priapo, filho de Dionísio e Afrodite, que a princípio era o deus dos jardins e das vinhas, personificando a fecundidade do solo. Na era romana, foi cultuado como a personificação da virilidade, e suas imagens são consideradas obscenas.

Enquanto Deus assumia os aspectos mais particulares da vida e das paixões humanas, para os poetas e o povo crente em geral, os filósofos gregos o definiam como o princípio físico do Universo (o fogo, razão divina imanente, para Heráclito), o Uno matemático (Pitágoras), a razão perfeita (Sócrates), o Bem (Platão), o primeiro motor imóvel, o ato puro (Aristóteles). Os estóicos adotam a idéia da existência de um sópro pensante e inflamado, que em tudo penetra, e no homem é a alma ou razão, e no Universo é Deus ou a Natureza.

Deus vence a batalha dos deuses

Dessas idéias vêm todas as atuais concepções de Deus. Pois se as conquistas romanas, criando o maior império da antiguidade, terminaram por estabelecer as bases do domínio da religião cristã no Ocidente, esta religião adotou na Idade Média as idéias de Santo Tomás de Aquino, que retomou os estudos de Aristóteles, considerando também Deus como ato puro, um ser transcendente, criador do Universo. E o filósofo Spinoza, no século XVII, ao dizer que "não há entre Deus e o mundo mais do que uma diferença de pontos de vista", apresenta o moderno panteísmo, filho do monismo dos primeiros filósofos gregos.

As religiões orientais, por seu lado, tendo a Índia como berço, embora conservem alguns deuses da antiguidade, são hoje mais conjuntos de preceitos morais, adotando um conceito panteísta ou um monoteísmo com um deus criador, irrepresentável.

A história de Deus, porém, não apresenta essa seqüência de forma

simples. Dos gregos até nós, houve muito retrocesso, muito desvio. Assim é que na China, por exemplo, chegou-se a oferecer sacrifícios a Lao-Tsé, fundador do tauísmo, que era ateu. Também Buda, ateu, foi transformado em deus por muitos de seus adeptos.

Odin, o demônio das tempestades

Muitos séculos depois de Aristóteles ter definido Deus como ato puro, e o cristianismo, depois dêle, ter difundido a crença em Jesus Cristo, filho de Deus único, feito homem, os escandinavos, formidáveis navegadores que teriam descoberto a América no século X, adoravam ainda Friga, a rainha dos deuses, que de seu trono, juntamente com seu espôso Odin, contemplava onisciente todo o Universo. Mas quando seu filho Balder sonhou que tinha a vida em perigo, Friga rogou ao fogo, à água, aos minerais e aos animais que não lhe causassem dano. Por lhe parecer inofensivo, não se dirigiu ao cogumelo; e foi o veneno dêste que destruiu Balder. Seu espôso Odin, a princípio simples demônio das tempestades, passou a senhor do mundo e deus da inteligência, depois de ter roubado o hidromel dos poetas, feito de mel e sangue do sábio Cvasir. Odin era filho de Bor, filho de Buri, o primeiro ser vivo, e Bestla, filha de gigantes, tinha dois irmãos, Vili e Vé. Odin e seus irmãos mataram o gigante Imir, e de sua carne formaram a terra; de seu sangue formaram o mar; dos ossos criaram as montanhas; dos cabelos fizeram as árvores e do crânio a abóbada celeste. Fizeram ainda, de dois troncos de árvores, o primeiro par humano, Ac e Embla.

Quando Maomé lançou seu grito guerreiro de "não há outro deus senão Alá e Maomé é o seu profeta", no ano 600 da era cristã, a religião oficial dos árabes cultuava mais de 360 deuses na Caaba de Meca.

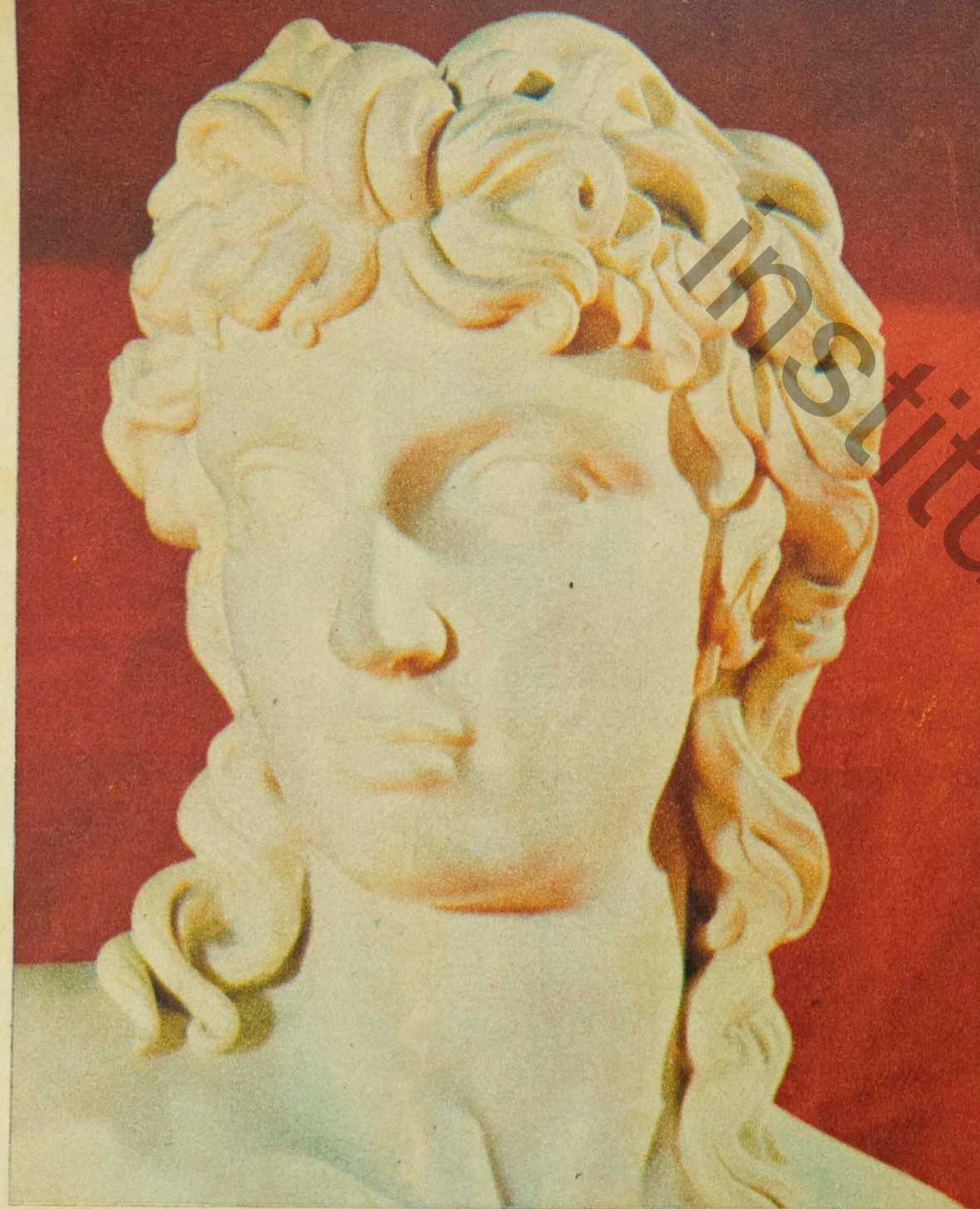
Uma coisa, porém, é certa: Moisés e Maomé são os vencedores nesta batalha entre deuses e Deus. Considerando-o um velho sisudo que de tudo pede contas, ou o princípio da energia e da vida, os homens atuais não o invocam mais no plural.



As trindades sagradas sempre tiveram lugar de destaque na mitologia do Oriente e do Ocidente. Na Índia, o Trimurti representa os três deuses Brahma, Vishnu e Siva. Na China, os três deuses da guerra (foto) são venerados.

Dicionário de deuses

- ABUTO — deus japonês da saúde.
 ADAR — rei dos deuses na mitologia assíria.
 ADÔNIS — divindade fenícia, protótipo da beleza viril.
 AEGIR — deus do mar agitado, na mitologia nórdica.
 AFRODITE — deusa grega da beleza. Vênus para os romanos.
 AGNI — deus do fogo, do lar e do altar. Índia.
 ALÁ — deus único dos maometanos, criador e vingativo.
 AMATERAZU — deusa do Sol, japonesa.
 AMA — africano. Criou a Terra como fêmea e a refe-cundou.
 AMON — egípcio. Mut é sua esposa; Consu, seu filho.
 ANFITRITE — esposa de Netuno, deusa do mar.
 ANTEROS — segundo filho do amor entre Afrodite e Ares.
 ANÚBIS — filho de Osíris. Misto de homem e chacal.
 APET — egípcia. Tinha corpo de hipopótamo.
 ÁPIS — egípcio, representado na Terra por um boi negro.
 APOLO — filho de Zeus e Latona. Irmão de Artêmisa.
 ARES — deus grego da guerra. O Marte romano.
 ARIMÁ — deus do mal entre os persas.
 ARINA — deusa suprema dos hititas.
 ASSUR — deus principal da Assíria.
 ATENA — deusa da sabedoria e da guerra. Minerva.
 ATON — egípcio. Deus uno, irrepresentável.
 BAAL — palavra semita aplicada a diversos deuses.
 BAHÁ'ULLÁH — árabe. O novo Maomé.
 BÉS — deus protetor dos lares no Egito.
 BRAMA — o primeiro grande deus hindu.
 BUDA — príncipe indiano, de nome Sidarta Gautama.
 CRONOS — Saturno. O tempo, filho do Céu e da Terra.
 CALUNGA — o deus-juiz dos ovambos (África do Sul).
 CRISNA — filho de Vishnu com uma virgem mortal.
 DOGON — deus fenício do trigo.
 EROS — ou Cupido. Filho de Afrodite e Ares. O amor.
 ERZULIE — divindade ioruba (África).
 FRIGA — rainha dos deuses na mitologia escandinava.
 HADES — irmão de Zeus, senhor dos infernos. Plutão.
 HATOR — deusa egípcia, esposa de Ftá.
 HEFESTOS — ou Vulcano (romano), filho de Zeus e Hera.
 HERA — irmã e esposa de Zeus. Juno para os romanos.
 IAVÉ — deus único dos hebreus.
 LAO-TSÉ — filósofo chinês, endeuado por seus adeptos.
 MAOMÉ — fundador do maometismo. O profeta de Alá.
 MARDUQUE — o deus principal da Babilônia.
 MÉTIS — deusa grega da prudência.
 MITRA — deus solar da Índia, herdado por persas e romanos.
 MNEMÓSINE — mãe das musas na mitologia grega.
 NABU — deus protetor das letras na Assíria.
 ODIN — marido de Friga. Principal deus germânico.
 ORMUZD — principal deus da Pérsia antiga.
 OSÍRIS — principal deus egípcio.
 POSEIDON — Netuno, deus dos mares, irmão de Zeus.
 PRIAPO — filho de Afrodite e Baco. Deus da virilidade.
 RA — deus-Sol egípcio, depois associado a Amon.
 SIVA — deus destruidor do hinduísmo.
 SERÁPIS — deus introduzido na Grécia por Ptolomeu I.
 SIN — deus-Lua da Suméria e Babilônia.
 SURIA — deus-Sol na mitologia védica.
 TÊMIS — deusa grega da justiça.
 TSAI-CHEN — deus japonês da riqueza.
 VISHNU — o deus conservador do hinduísmo.
 ZEUS — o pai dos deuses gregos. Júpiter, em Roma.



O deus do Amor na mitologia grega, Eros (acima, à esquerda), foi venerado em Tiespe, onde lhe ofereciam grandes festas, as Erabies. A deusa Minerva (à direita) se tornou o símbolo do direito romano.



substância as diversas criaturas: produziu primeiro as águas e depositou nelas um germe. O germe se tornou ovo, do qual o mesmo ser supremo nasceu sob a forma de Brama. E após haver permanecido nesse ovo de Brama e senhor, unicamente por obra de seu pensamento, separou este ovo em duas partes."

Nos Vedas está contada também a história do redentor *Crisna*, chamado *Iezus*, filho de uma virgem, Decanagui, fecundada pelo Divino Espírito, movido por Vishnu. Um hino em louvor de *Crisna* afirma: "Este é quem nos libertará, este é quem ressuscita os mortos, cura os surdos, cegos, paralíticos e coxos; ele apóia os fracos contra os fortes, os oprimidos contra os opressores; ele é verdadeiramente o Salvador que foi prometido aos nossos pais."

Da mesma forma, a Bíblia fala em Cristo, em Jesus, etc. Um pouco antes dos hindus criarem esse conceito do deus criador, onipotente, onisciente e onipresente, irrepresentável, base do estabelecimento do monoteísmo — o culto do deus único — na região da Mesopotâmia, onde cerca de 4000 a.C. já se construíram os primeiros templos de que os historiadores têm notícia, eram adorados os deuses do raio, do furacão, do fogo, dos rios e das montanhas. *Chamach* (ou *Samas*), o deus-Sol, *Sin*, o deus-Lua, e *Ishtar*, o planeta Vênus feito deusa, eram os mais prestigiados. Cada pessoa tinha seu deus particular, e às vezes também uma deusa, porque os habitantes de Uruque, cujo reino floresceu naquela região cerca de 2000 a.C., criavam aventuras, famílias e pai-

xões para seus deuses, como foi costume até o advento da Idade Moderna.

Assur, o deus-céu dos assírios

Conquistando Uruque e impondo o domínio de seu povo, o rei de Ur impôs também o culto de seus deuses, *Inina*, *Tamuz*, a *Grande-Mãe*, a deusa-terra que ressurgue em várias outras religiões, perdurando até a época romana, transformada na grega *Cibeles*. Mas, em seguida, foi o deus *Assur*, representando o céu estrelado ou a luz, imposto como principal na região pelos conquistadores sargônidas. *Assur* foi o deus mais importante de todo o império assírio. *Hamurabi*, ao estabelecer o domínio babilônico na Mesopotâmia (assírios e babilônicos revezaram-se no poder ali por muitos séculos), elevou a

divindade principal seu deus *Mar-duque* (mais ou menos em 1600 a.C.).

No Nordeste da Ásia Menor, surge então um novo império, o dos hititas, que importam *Ishtar*, a deusa mesopotâmica, e *Mitra*, o deus-Sol indo-europeu, mas criam uma novidade na história de Deus: à frente do seu panteão, numerosíssimo, está uma mulher, a deusa-Sol *Arina*, que é representada pela leoa e pela pomba. Seu companheiro é um deus secundário, da tempestade e mais tarde da guerra. Têm um filho, o jovem deus-Sol, elevado à categoria de amante de sua mãe, quando esta se transforma em deusa da fecundidade, a grande deusa domadora de feras, a mesma que os antigos textos fenícios (anteriores a 2000 a.C.) chamam de *Cubaba* e é também a grega *Cibeles*. O jovem deus, filho e amante, na Fenícia tem o nome de *Adônis*, com que reaparece na Grécia.

A reforma religiosa dos judeus

Enquanto Deus vai assumindo, nessas regiões, até a forma feminina, coincidindo com o prestígio sem par da mulher hitita na antiguidade, e cada vez mais absorvendo as características humanas de ser caprichoso e sensual, um pequeno povo, originário de Ur e escravizado no Egito durante longo tempo, vai se estabelecer na Palestina, realizando a maior e mais bem sucedida reforma religiosa de todos os tempos. Saindo do Egito aproximadamente no ano 1240 a.C. sob o comando de Moisés, esses hebreus consideram-se o povo eleito de Iavé, o "Deus único, poderoso e vingativo", segundo o *Deuteronômio* (que nessa definição coincide exatamente com o *Corão*, livro sagrado dos maometanos, escrito já no século VII da era cristã).

Conhecendo, muito provavelmente, a reforma monoteísta de Aquenaton, realizada um século antes, Moisés, educado no palácio do faraó, impõe aos israelitas — inclusive estabelecendo a pena de morte para os idólatras, que do Egito trazem até o culto do "bezerro de ouro" — o culto do deus único *Iavé* que, embora irrepresent-

tável, nos tempos bíblicos assumia atitudes mais próprias de chefes políticos despóticos. Alguns historiadores insistem em que houve uma substituição do deus citado no Gênesis, o deus da criação, *Eloim*, pai celestial e bonacheirão, pelo vingativo *Iavé*, que seria anteriormente o deus particular da tribo de Israel. O fato é que a Bíblia, em várias passagens, apresenta Deus com sentimentos acentadamente humanos.

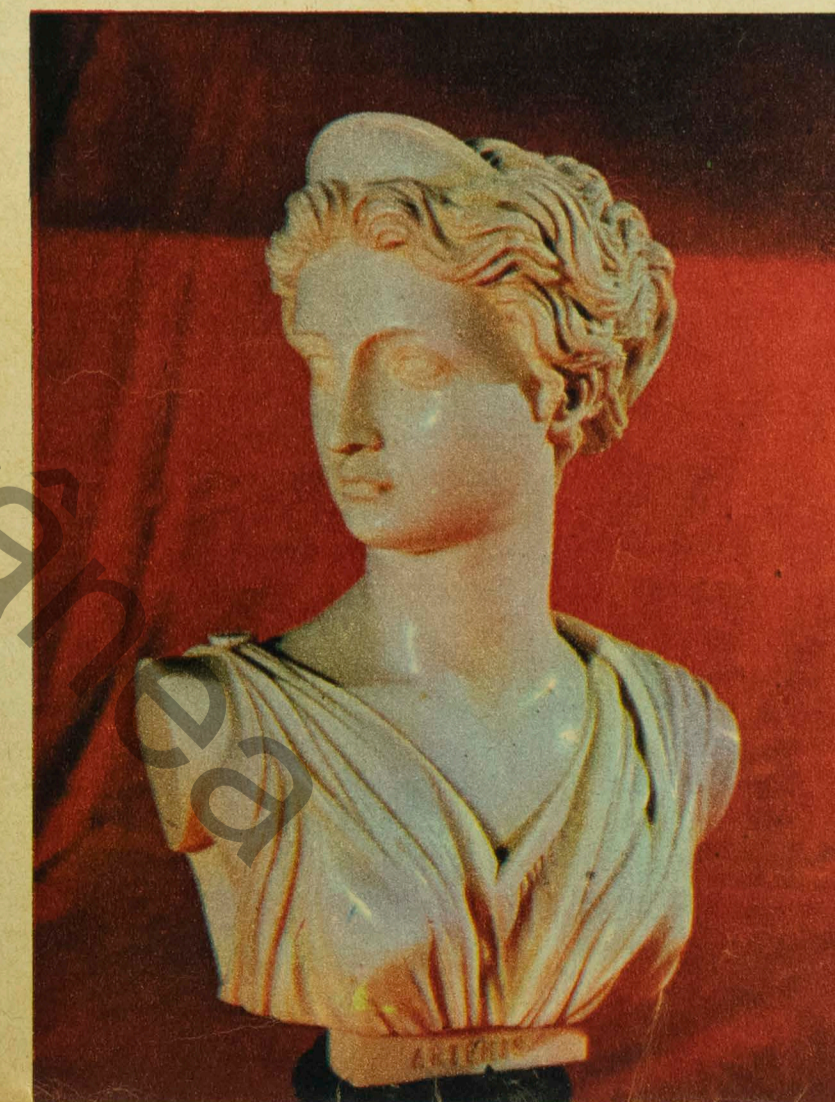
Mas a atração dos deuses estrangeiros era grande. E Moisés, no seu sermão final, quando o povo conduziu desde o Egito chegava às portas de Canã, determinava a morte pelo apedrejamento dos que adorassem outros deuses, especialmente os ainda muito populares deus-Sol e deus-Lua.

O rei de Judá, Josias, em 621 a.C. — portanto mais de 600 anos depois deste sermão de Moisés — ainda teve que expulsar os deuses estrangeiros e fechar todos os santuários do reino. E o culto de *Baal* entre os hebreus só foi extirpado depois de uma rebelião liderada pelo profeta Elias, que incendiou o altar onde se ofereciam sacrifícios humanos, dentro do próprio templo de Salomão. A partir daí, há uma purificação e espiritualização de *Iavé*, desaparecendo o

costume dos holocaustos. Mas nem na Terra Prometida conseguiu o Deus único ser jamais adorado sem problemas. As diversas conquistas de que foram vítimas os israelitas fizeram com que ainda em 166 a.C. os Macabeus organizassem um sangrento levante contra a ação heleenizadora de Antíoco IV, que introduzira no templo de Jerusalém não só sacrifícios sangrentos mas também uma estátua de Zeus Olímpico. A grande reforma monoteísta dos hebreus, que iria afinal se impor na era cristã, gozava de prestígio apenas local. Deus ainda tinha personalidade vária no resto do mundo. Quando o Rei Josias fechava os santuários estrangeiros no reino de Judá, Nabucodonosor refazia na região mesopotâmica o poder da Babilônia, mandando construir o grande templo de *Mar-duque*, que se tornou famoso com o nome de Torre de Babel. E na Pérsia, novo império dominante, o Rei Xerxes I recebia o trono do deus *Auramazda*, também chamado *Ormuzd*, o Ser Supremo da Luz (ainda o Sol), deus do céu, sempre em luta com *Arimã*, o princípio do mal.

Os deuses infantis dos gregos

Um novo povo se impunha então como dominador do mundo, pelas



Filha de Zeus e de Leto, irmã de Apolo, *Artêmis* (foto ao lado) é a deusa da caça e da castidade na mitologia grega. Em sua honra foram feitos vários santuários, e o mais famoso é o de Éfeso, na Lídia, considerado a sétima maravilha do mundo. Os romanos, ao assimilarem os deuses gregos, chamaram-na Diana. Os deuses antigos eram muito humanos nas suas paixões.



A deusa da bondade (à esquerda) é representada pela figura de uma dançadora antiga da sociedade chinesa. Um príncipe indiano, Sidarta Gautama, se tornou deus na China, como Buda, o Iluminado (à direita). A energia rítmica do cosmo é simbolizada pelo movimento de Siva, deus da dança (abaixo), adorado na Índia como a imagem da criação perpétua e da salvação da alma. Siva, ou Nataraja, dança com o tambor em uma das mãos e fogo na outra.



número de deuses, quase sempre organizados em famílias do tipo humano, sendo a mais comum a tríade pai, mãe e filho. O grande senhor dos deuses é *Indra*, guerreiro e vencedor, inicialmente protetor do clã. A *Aurora* é a fêmea mística, representada por vacas com envoltórios ardentes. O céu, *Diaus*, e a terra, *Pritivi*, formam um casal de esposos; ao lado deles estão os deuses solares *Suria*, *Pucham*, *Vishnu*, *Mitra* e *Varuna* — as divindades mais antigas e também *Rudra* e *Siva*, os deuses da tempestade, e outros deuses menores, das águas e dos rios. Além deles, uma coorte de gênios. A tendência posterior foi unir *Vishnu*, *Siva* e *Brama*, for-

mando a Trimurti, trindade sagrada que dominará a religião bramânica. A origem dos seres era explicada nos Vedas, cujo autor é o Grande Manu, legislador supremo, filho do primeiro homem e da primeira mulher. "Havia antes o mundo, embora submerso na escuridão e imperceptível, sem atributo, sem poder ser descoberto pelo raciocínio nem revelado e como que entregue inteiramente ao sono. Então o senhor existente, por si mesmo, e que não está ao alcance dos sentidos externos, dissipou a escuridão; aquele que só o espírito pode perceber, que não tem partes visíveis, eterno, alma de todos os seres, desprende seu próprio esplendor, fazendo emanar de sua



E o último deus-Sol de grande importância, *Mitra*, cuja festa era celebrada a 25 de dezembro pelos romanos (que o haviam adotado dos persas), emprestou seu dia para a comemoração do nascimento de Cristo, o deus-homem que hoje reúne o maior número de seguidores do mundo.

Para os povos antigos, nada se passava sem a interferência direta e minuciosa de Deus. E por isso Deus era tudo o que lhes garantia a vida. A princípio, o Sol, a vegetação, a água. Depois, as virtudes humanas. Dos deuses humanizados — e o extremo desta humanização ocorreu na Grécia — passou-se aos homens feitos deuses. Nessa longa história, Deus, que atualmente é concebido por muitos como apenas um nome ou como uma entidade pretérita ("Deus está morto", proclamou Nietzsche), passou por todas as etapas. A primeira etapa documentada da história de Deus é nas terras do Egito, há aproximadamente cinco mil anos, quando cada cidade tinha a sua vida isolada e, é claro, o seu deus. Entre os deuses regionais,

havia sempre o deus-Sol; destes, *Aton* e *Ra* foram os mais famosos. Mas no país que se unificou graças ao rio Nilo, e que produziu uma das mais importantes civilizações da História, Deus assumiu também, e com muita frequência, a forma animal.

Quando Deus tinha forma animal

Era a zoolatria — deus-bicho —, que surgiu em meados do século XXV a.C., quando se estabeleceu a primeira dinastia egípcia. O boi *Ápis* era cultuado em Mênfis como o arauto e a "imagem viva do grande deus *Ftá*", e por ele recebia oferendas, participava de procissões e vivia no seu santuário, sendo depois da morte mumificado, fechado num sarcófago e submetido a ritos funerários que duravam 70 dias. O culto desse touro negro, com manchas brancas na testa, no pescoço e no flanco, foi o mais divulgado, mas não o único. O bode de Mendes, na região do Delta, era objeto de um culto tão antigo quanto o dele. O crocodilo era venerado na região de Tebas e do lago Méris, o que não impedia que fosse caçado e morto em outras regiões. No antigo Egito, até o escaravelho foi deus.

Mas os deuses animais não alcançaram prestígio tão geral quanto os deuses da vegetação. Por volta do ano 3000 a.C., as mais famosas divindades egípcias são *Hórus*, o deus-falcão, no Alto Egito, e *Osíris*, com figura humana, no Baixo Egito. *Osíris*, deus da vegetação, foi o mais popular da história do Egito unificado. Era, segundo a mitologia, filho de deus-Céu e da deusa-Terra. Morto e esquartejado por seu irmão *Set*, foi chorado, procurado e reencontrado por sua irmã e esposa *Isis*, e vingado por seu filho *Hórus*. A partir do ano 2400 a.C., o faraó é adorado como este filho, o deus-falcão, feito homem (a partir da IV dinastia, o faraó é o filho do deus-Sol *Ra*). "O Nilo vem da transpiração de tuas mãos" — dizia uma das orações a *Osíris*. E outra: "Tu és o Nilo; os deuses e os homens vivem do teu escoamento." No auge de seu prestígio, por volta de 2200 a.C., *Osíris* é cultuado como o deus-juiz dos mortos.

O deus do Baixo Egito perde seu poder quando Tebas se torna o centro do reino, impondo o culto de *Amon*, que ganha os famosos templos de Lucsor e Carnac. *Amon* é associado pelo povo a *Ra*, formando o deus-Sol *Amon-Ra*, "rei dos deuses". Outro deus-Sol, *Aton*, sucede-os, quando o Faraó Amenófis IV instaura o culto do deus único, que durou apenas o tempo do seu reinado, isto é, de 1377 a 1358 a.C. Com a decadência, a civilização egípcia retomou o culto aos animais, a partir do ano 800 a.C.

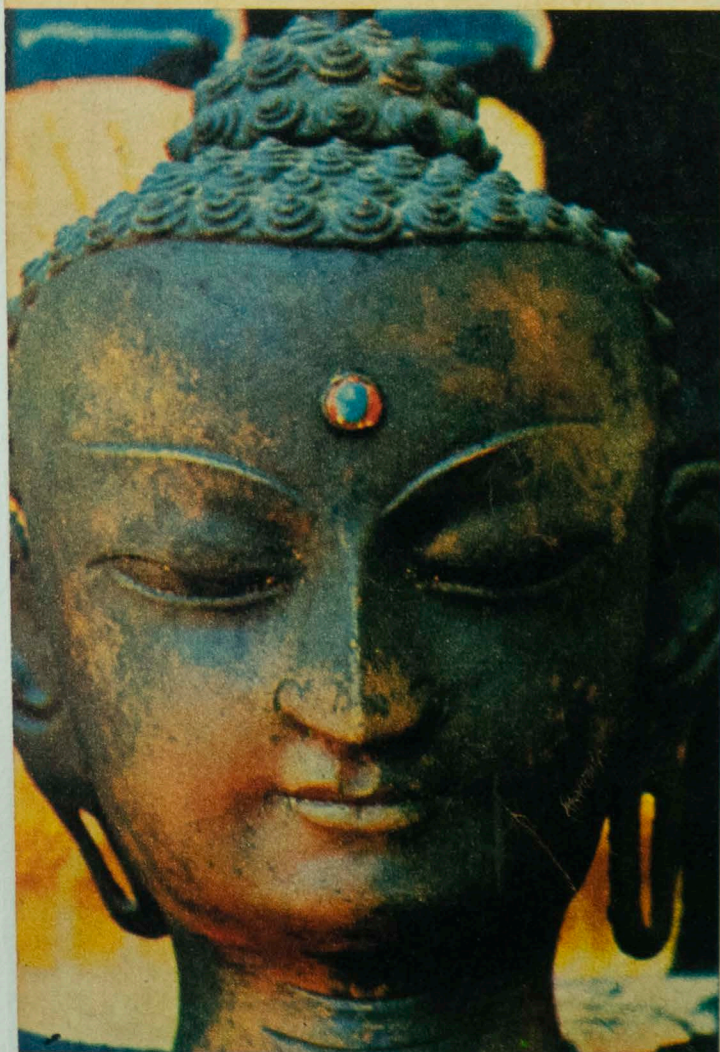
Além da associação de *Osíris* ao Nilo, houve no Egito várias outras representações do deus-Nilo, e até o deus-grão teve o seu culto. Também foram populares os deuses protetores, especialmente *Bés*, protetor da casa, anão disforme, domador do leão.

Mesmo particularizando a idéia de deus aos extremos de escarvalho e grão, ridículos aos olhos modernos, os egípcios já tinham o conceito panteísta vigorante de maneira geral no Oriente. Este panteísmo está presente principalmente na identificação de *Osíris* com o rio Nilo e na doutrina de Aquenaton, de que era através do calor e da energia que o deus *Aton* se manifestava.

O mundo à semelhança de Brama

Enquanto Deus assim era criado e transformado no Egito, formava-se na Índia a base do pensamento oriental. E as idéias não eram muito diferentes. Um hino antiquíssimo do *Rig Veda*, um dos livros sagrados hindus, escrito aproximadamente no ano 2000 a.C., diz: "O Ganges que corre é Deus; o mar que rugir é Ele; o vento que sopra é Ele; a nuvem que troveja é Ele. Do mesmo modo que, na eternidade, o mundo estava no espírito de Brama, de igual modo hoje tudo o que existe é sua imagem." Essa mesma concepção de Deus é retomada pelos filósofos gregos, quinze séculos mais tarde, e permanece até hoje, ao lado da concepção religiosa do Deus criador e juiz.

Mas, com toda essa filosofia, a religião védica (fase mais antiga do hinduísmo) apresenta, como as outras da antiguidade, um grande



No Nepal, Buda (acima) tem feições próprias dos habitantes dessa região. Os sábios chineses (à direita) são venerados como deuses.

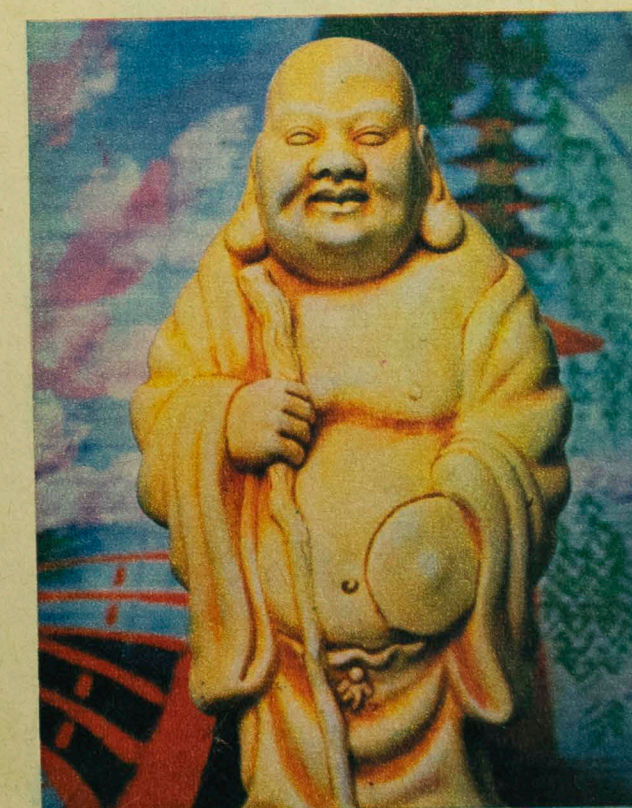


Os deuses de todos os tempos

Texto de ANA ARRUDA
Fotos de ORLANDO ABRUNHOSA
Consultor: Prof.
Arthur Bezerra de Mello, Jr.
— B. A., Harvard University

No princípio era o Sol. O astro central de nosso sistema planetário foi o primeiro deus supremo para quase todos os povos. O Sol mesmo, representado por seu disco, ou o calor, a energia e a fertilidade do solo, considerados como seus dons, foram os mais prestigiosos deuses da antiguidade.

Também a primeira tentativa, conhecida pela História, de estabelecimento do monoteísmo — adoração de um deus único — foi feita pelo Faraó Amenófis IV em benefício do deus-Sol *Aton*. Amenófis, porém, mesmo trocando o seu próprio nome para Aquenaton, não foi muito feliz nessa reforma religiosa, pois ficou muito mais conhecido no mundo moderno como o marido da bela Nefertiti.



Singa, o leão alado (à esquerda), afugenta os maus espíritos na Indonésia. Os japoneses veneram Hotei (acima), deus da boa saúde, dos mais populares.